

Fiesp se prepara para desembarcar empresários na campanha de Collor

SÃO PAULO — As lideranças empresariais brasileiras vão descer do muro e apoiar em massa o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, no segundo turno, de acordo com previsão feita ontem por Roberto Della Manna, diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Com a experiência de quem negocia há vários anos com representantes de trabalhadores, Della Manna, um dos principais dirigentes da Fiesp, afastou a possibilidade de aliança entre empresários e os candidatos Luís Inácio Lula da Silva, do PT, e Leonel Brizola, do PDT, durante a campanha eleitoral do segundo turno.

— Não há qualquer ponto de aproximação entre os empresários e Lula ou Brizola, a não ser que os programas dos candidatos mudem completamente — diz Della Manna, demonstrando ser praticamente inevitável o apoio do empresariado ao candidato do PRN, qualquer que seja seu concorrente na última fase da campanha presidencial. Para o diretor da Fiesp, a polarização da campanha entre esquerda e direita fará com que os empresários adotem posições “objetivando seus maiores interesses, que são a modernidade e a defesa da livre iniciativa”.

Alianças — Essa avaliação, no entanto, não é compartilhada por Paulo Butori, um dos coordenadores do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), movimento de oposição à atual administração da Fiesp, presidida por Mário Amato. Segundo Butori, o PNBE vai analisar os programas econômicos dos candidatos que ficarem para o segundo turno “sem qualquer preconceito”, promovendo até mesmo um debate com os dois vencedores das eleições do dia 15.

— A questão, para nós, é agora muito mais de programa de governo do que de tendência ideológica. O Collor, por exemplo, está mudando seu discurso para centro-esquerda, talvez pensando em uma aliança com integrantes da cúpula do PSDB — explicou Butori.

O vice-presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira, defendeu a antecipação da posse do novo presidente da República, para evitar o agravamento “da crise brasileira no lapso de tempo entre a eleição e a entrega do poder — o chamado buraco negro”. Segundo Moreira, a antecipação, no entanto, “terá de vir de um ato de renúncia espontâneo de Sarney”.